

# Apresentação

## Dossiê Maquiavel dissimulado: heterodoxia no mundo ibérico

**D**o erudito ao popular, do realismo ao segredo. O pensamento de Maquiavel e suas sucessivas (re)apropriações em diferentes tempos e espaços são temas que, embora convivam desde o início com estereótipos, fogem ao consenso. Nada como um assunto tão controverso para iniciar a viagem aos setes mares desta revista dedicada a promover e dinamizar o debate histórico sobre a Época Moderna.

O presente dossiê apresenta os artigos mais destacados da jornada de estudantes Maquiavel dissimulado: heterodoxias político-culturais no mundo ibérico, realizada na Universidade Federal Fluminense em 25 de outubro de 2011. O evento foi parte integrante da versão brasileira do colóquio internacional Maquiavel Dissimulado, ao lado de seu congêneres realizado em novembro do mesmo ano no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Essas atividades articulam-se ao projeto científico Maquiavelismo e maquiavelismos na tradição política ocidental, com sede na Universidade de Turim, coordenado pelo professor Enzo Baldini. Este empreendimento, que chega ao termo em 2013, quando se completam 500 anos da escrita d'O príncipe, vem desde 2006 promovendo eventos, debates e publicações de pesquisadores de vários países no sentido de refletir sobre a incidência e a reinvenção do pensamento de Maquiavel no Ocidente.

Na esteira deste processo, a jornada de estudantes surgiu como uma iniciativa dos organizadores do colóquio internacional em conceder espaço a graduandos e pós-graduandos para compartilharem suas reflexões em torno da temática, estimulando ainda mais o caráter interdisciplinar e agregador que marcou o círculo de apresentações durante quatro dias. Além disso, os veios para a concretização deste projeto discente já haviam sido talhados pela formação em 2009 de um grupo de estudos sobre Maquiavel, composto por alunos e professores da Área de História da Universidade Federal Fluminense e das principais universidades do Rio de Janeiro. Diversas leituras do que há de mais recente na imensa produção sobre o autor florentino foram levadas a cabo, incluindo escritos do próprio, suscitando profícuos debates.

Na mesma linha do evento principal, a jornada contou com apresentações muito diversificadas, com propostas que abrangeram do século XVI ao XX. Embora se mantivesse o recorte temporal, buscou-se no dia consagrado aos graduandos e pós-graduandos estender o escopo de análise ao universo político-cultural ibérico – para além do âmbito “lusu-brasileiro”, foco do colóquio – no sentido de gerar maiores possibilidades para a reflexão dos estudantes, bem como integrar mais um horizonte de pesquisa, em paralelo ao evento internacional.

No geral, os trabalhos selecionados privilegiaram o estudo das artes de governar na península ibérica. Pela análise da grelha classificatória traçada no século XVII português por Sebastião César de Menezes, Pedro Barbosa Homem e Antonio de Sousa de Macedo, em torno de noções como dissimulação e simulação, engano e mentira, o artigo de Bruno Souza demonstra os caminhos sinuosos que estes autores percorreram para dissertar sobre a arte política numa cosmogonia marcada pela ética cristã. Nesse sentido, a pesquisa apresenta a sutileza destes pensadores em

marcarem uma posição em relação a Maquiavel, sem abrir mão dos artifícios de poder que a condição principesca requiritava.

Por sua vez, o texto de Bento Mota resgata a importância do autor flamengo Justo Lúpsio na abertura de caminhos para a entrada do maquiavelismo em terreno peninsular. Ao tornar inteligível o estoicismo cristão de Lúpsio, o artigo revela em que medida certas práticas heterodoxas circulavam em meio aos autores ibéricos, embora nem sempre de forma explícita. A perspectiva de situar o pensamento político de determinada personagem para dimensionar a extensão do contato com os escritos de Maquiavel é seguida, de forma semelhante, na investigação seguinte. Ao problematizar o suposto “maquiavelismo dissimulado” do jesuíta espanhol Juan de Mariana, Walter Neves procura delinear a metafísica do padre em seu esforço por agregar sua ética religiosa ao governo dos homens, bem como situá-lo em seu tempo, no âmbito da Contrarreforma. Desse modo, o autor ressalta a originalidade de Mariana e alerta para os perigos em reduzir tudo à esfera do maquiavelismo.

Após três artigos de cunho mais teórico, os três seguintes abordam contextos concretos, na utilização prática das ideias. Por meio da correspondência entre D. João IV e seu principal embaixador na primeira década do Portugal Restaurado, o marquês de Nisa, Cassiana Gabrielli analisa a forma como o recém-aclamado rei de Portugal pode ser entendido como um príncipe novo ao valer-se da “razão de Estado” no trato com a França, então sua maior aliada.

Por um prisma diferente, Rivadávia Vieira Júnior enxerga o príncipe maquiaveliano na figura de Felipe II. No plano da representação pictórica, o autor examina esta associação em outro momento delicado da coroa portuguesa, quando de sua incorporação pelos Habsburgos espanhóis. Através de uma análise detida sobre a retratística do monarca, Rivadávia Vieira Júnior demonstra como este tipo de dispositivo simbólico era fundamental para a legitimação do poder régio e como o próprio soberano era consciente da importância dessa dimensão imagética. O leitor ainda conta com descrições de alguns retratos de D. Sebastião, participe desse tempo final da dinastia régia dos Avis.

Por fim, Eliziane Souza traz a discussão sobre a influência de Maquiavel no Brasil das últimas décadas. Especializada na área de letras, a autora repousa sua investigação sobre bases diferentes das demais, buscando outros ângulos de análise. Interessada na recepção de Maquiavel em revistas literárias/culturais e suplementos literários de jornais brasileiros publicados entre 1950 e 2000, Eliziane Souza compõe um grande quebra-cabeça, desde as variações na grafia do nome do florentino às linhas interpretativas que predominam sobre seu legado.

Para a excelência do colóquio e da jornada de estudantes mostrou-se fundamental a contribuição de inúmeros atores. Aproveitamos este espaço, portanto, para agradecer ao CNPq, à Faperj e à Capes pelo financiamento do projeto principal, do colóquio e da jornada. Aos professores Guilherme Neves e Sílvia Patuzzi, pelas perspicácia intelectual e participação no grupo de estudos que precedeu o evento. Nossa gratidão a Rossana Nunes, Alain Tramont, Juliana da Conceição, Fernanda Correia da Silva e a todos os monitores da UFF pelo desvelo com que assistiram ao grupo de estudos e à jornada. Não podemos esquecer os professores Carlos Zeron e Sandra Bagno, pela coordenação das mesas em que os trabalhos agora publicados foram apresentados pela primeira vez, tendo em vista a pertinência de suas críticas ao desenvolvimento dos mesmos. Por fim, um especial agradecimento ao professor Rodrigo Bentes Monteiro, coordenador da parte brasileira deste projeto maior e incentivador do grupo de estudos, da jornada de estudantes e deste empreendimento.

Atento às heterodoxias da cultura política peninsular na Época Moderna ou debruçado sobre a herança do autor florentino na imprensa brasileira recente, este dossiê demonstra a viabilidade em repensar paradigmas de interpretação sobre o tema. Ademais, torna ainda mais intrigante examinar como esse oceano de ideias foi partilhado e (re)adaptado nos impérios luso e espanhol, convidando assim o leitor a tecer novas e diferentes conexões pelos mares da história.

Companhia das Índias, junho de 2012.

Gustavo Kelly de Almeida & Bento Machado Mota